

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: 55

Data: 19 de Julho de 1991 Pg.: _____

Governador ataca 'império da moto-serra'

Telefoto de Antônio Menezes

RIO BRANCO, AC — O Governador do Acre, Edmundo Pinto, criticou ontem o Código Amazônico, proposto pelo Governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho. Segundo Edmundo Pinto, o Código não consagra nenhum mecanismo capaz de garantir a proteção efetiva da floresta. Ele não foi à reunião de Governadores em Manaus e disse que o projeto poderá transformar a região em um "Império da Moto-Serra". Apesar de condenar o que chamou de "camisa de força" que as entidades ambientalistas tentam impor ao desenvolvimento econômico da região, Edmundo Pinto se recusou a participar do encontro de Manaus, por discordar do documento proposto por Gilberto Mestrinho.

— Queremos é proteger esse patrimônio — reagiu Edmundo Pinto, afirmando que não vai as-

sinar embaixo da proposta do seu colega do Amazonas.

Para o Governador do Acre, devem ser encontradas fórmulas para o desenvolvimento sustentável da Região Amazônica que obedecem a parâmetros científicos de preservação. Esse trabalho, que Edmundo Pinto acha que deve ser conduzido pelos Governos estaduais, não prescinde da participação efetiva dos órgãos federais.

— Só a integração entre os Governos federal e estaduais será capaz de lançar caminhos para o desenvolvimento econômico não predatório da Amazônia — acredita o Governador do Acre.

Edmundo Pinto citou como exemplo o zoneamento agro-ecológico do Acre, que já foi executado em 25% e deve ser concluído juntamente com o Governo federal.



○ Governador anfitrião Gilberto Mestrinho, do Amazonas (à esquerda), conversa com Osvaldo Pianna, de Rondônia

Federais vão ocupar pistas clandestinas

MANAUS — O Diretor da Polícia Federal, Romeu Tuma, deflagra hoje em Roraima a primeira fase da operação "Selva Livre" com a ocupação de 14 pistas clandestinas utilizadas por aeronaves que dão apoio logístico aos garimpos localizados nas terras ianomâmi. Tuma calcula em cinco mil o número de garimpeiros na região. As pistas são próximas a Boa Vista.

A Polícia Federal deverá iniciar a explosão das pistas perto dos garimpos, longe da Capital, a partir de setembro, numa segunda fase da operação. A Polícia estocou 10 toneladas de dinamite na região. Tuma disse que o importante agora é retirar os garimpeiros de lá por meios políticos.

Romeu Tuma não descartou a possibilidade de se explodir alguma pista ainda nesta fase da operação, mas o Comandante Militar da Amazônia, General Antenor de Santa Cruz Abreu, encarregado das explosões da dinamite, disse ontem ser "uma besteira explodir pistas".

— Não adianta. E destruir eles (os garimpeiros) reconstruam.

O General não disse qual a melhor fórmula para retirar os garimpeiros, mas garante que o Segundo Batalhão Especial de Fronteiras, em Boa Vista, está preparado para entrar na operação assim que o Ministro do Exército, general Carlos Tinoco, determinar.

Ontem, os chefes militares da região aguardavam ordem de seus ministros. O Comandante do Sétimo Comando Aéreo Regional, major-brigadeiro Antônio Alberto Lobato, disse que nenhum dos helicópteros que serão utilizados na retirada dos garimpeiros chegara a Manaus.

General critica 'cobiça internacional'

JOÃO ALBERTO FERREIRA
Enviado Especial

BRASÍLIA — O Comandante Militar da Amazônia, General Antenor de Santa Cruz, foi o principal personagem da reunião dos governadores da Amazônia, ontem, em Manaus. Ele atacou duramente os países industrializados que se posicionam contra a exploração da região. O general disse que existe uma "cobiça internacional" que procura caracterizar a incapacidade dos brasileiros de gerir seu próprio território.

— Mais uma vez a cobiça internacional está se manifestando. Agora, sem máscaras, através da defesa da ecologia, das minorias e do combate ao narcotráfico, querendo caracterizar nossa incapacidade de gerenciar a Amazônia. Vamos reagir —, disse o general, um dia após a reunião do Grupo dos Sete países industrializados, sendo o mais aplaudido da reunião.

Santa Cruz contou que o Senador Pedro Simon (PMDB-RS) uma vez perguntou a ele o que poderia ser feito pela Amazônia a curto prazo. O Comandante Militar da Amazônia disse que a resposta dada a Simon estava se tornando realidade no encontro:

— Disse a ele que teríamos de nos organizar e arregimentar simpatizantes para defendermos nossas idéias, embora tivéssemos a desvantagem de que os nossos inimigos já estavam organizados há muitos anos — afirmou o general, referindo-se aos governos dos países ricos que pregam a preservação total da Amazônia.

Mesmo não fazendo referência ao Código da Amazônia — o documento preparado pelo Governador do Amazonas —, Santa Cruz felicitou Gilberto Mestrinho pelo gesto de arregimentar os governadores:

— Através de um trabalho bem feito, eles conseguiram criar um quadro de "verdades" que não confere com a realidade conhecida pelos próprios brasileiros.



General Antenor de Santa Cruz

Todos os governadores presentes à reunião apoiaram as palavras do general.

— Há um complot internacional para impedir o desenvolvimento da Amazônia. Se explorarmos nossas riquezas, vamos prejudicar a concorrência internacional — acrescentou Mestrinho ao discurso do General.

— O garimpo de cassiterita de Ariquemes, em Rondônia, representou, no ano passado, 5% da produção mundial de cassiterita e fez despencar o preço do estanho de US\$ 12 para US\$ 6,80 a tonelada no mercado internacional. Isso fechou, só na Malásia, que é um dos grandes produtores do minério, 81 minas inglesas. Então, é preciso impedir que a Amazônia explore cassiterita. É preciso botar índios demais nas margens do Rio Negro e do Rio Madeira para que não se retire ouro, senão, a África do Sul fecha. Essa é a dolorosa realidade — concluiu Mestrinho.

Aníbal Barcelos, Governador do Amapá, disse que a "cobiça internacional" apontada pelo general Santa Cruz, resulta de um estudo do Hudson Institute, órgão do Pentágono, que mostra existir US\$ 1,7 trilhão em reservas minerais enterradas na Amazônia.

Marcar nova reunião, a principal decisão

MANAUS — A principal decisão tomada ontem pelos governadores da Amazônia Legal reunidos pelo Governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, foi a de se reunir novamente em Macapá, daqui a um mês, para fazer o que não conseguiram no encontro que terminou ontem: aprovar o Código Amazônico. De Macapá, como avisaram os governadores, deverá sair um documento mais enxuto, adequado à realidade dos nove Estados que formam a Amazônia, e que respeite a Constituição federal. Caso contrário, não haverá chances de sair um acordo.

No fim da reunião, os governadores presentes e os que mandaram representantes — com exceção de Jader Barbalho, do Pará, que não mandou ninguém para o encontro de ontem — disseram que endossam a proposta central do documento, de que os Governos devem ter maior autonomia

para decidir sobre o destino dos Estados que comandam, mas deixaram claro que discordaram do remédio receitado por Mestrinho, autor do projeto.

— Concordo com a espinha dorsal do documento —, disse, por exemplo, o Governador do Maranhão, Edson Lobão.

Um assessor de Mestrinho disse que ele lançou a sugestão da reunião em Macapá para não ver o Código morrer ali. O Governador de Rondônia, Osvaldo Pianna, um dos maiores críticos do Código, esclareceu que não teria participado da reunião se não estivesse disposto a assinar o Código, mas alertou:

— Daqui a pouco vão lançar a idéia de uma República Separatista da Amazônia.

Pianna critica o "alto poder de fogo" que o Código dá aos Estados. De fato, o documento submetido por Mestrinho aos gover-

nadores retira quase todo o poder do Governo federal na questão ambiental na Amazônia, incluindo o poder de fiscalizar e impor sanções, que passariam para os Estados. Segundo Pianna, os governadores que forem a Macapá devem encontrar um meio termo na divisão de poderes entre os Estados e a União:

— Pelo que diz o Código, se for eleito um Governador irresponsável, certamente terá poderes para acabar com o Estado. Rondônia, por exemplo, elegeu Jerônimo Santana (ex-Governador) e assistiu suas florestas serem devastadas, embora desde 1989 existissem leis para coibir isso.

O Presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, convidado para o encontro, enviou como representante o Diretor da Sucursal de O GLOBO em Brasília, Arnaldo Nogueira, que leu uma mensagem aos governadores presentes.

A ÍNTEGRA DA MENSAGEM ENVIADA PELO JORNALISTA ROBERTO MARINHO AOS GOVERNADORES

"Compreendo a preocupação dos Governadores da região em trazer ao debate os problemas comuns dessa imensa e cobiçada Amazônia. Entendo que ao lado das críticas que a imprensa mundial faz à chamada devastação da Amazônia, existem interesses, não muito claros, de certas organizações internacionais, que teimam em não reconhecer os esforços do Governo brasileiro, dos Governadores dos Estados amazônicos em traçar planos e políticas que preservem e defendam a Amazônia.

O GLOBO e as Organizações Globo têm uma tradição reconhecida e merecida em defesa de nossas florestas, nossas praias, nossos rios, nossos parques ecológicos. E do tempo da fundação do GLOBO, em 1925, a preocupação de que seja preservada a Mata Atlântica. As praias do Rio. As florestas da Tijuca e Jacarepaguá. As matas do Espírito Santo, ocasião em que O GLOBO, em 1955, se uniu ao grande Augusto Ruski, para denunciar a devastação das florestas daquele Estado que já

foi verde e fascinante.

A Rio-92 reunirá na cidade do Rio de Janeiro mais de uma centena de Chefes de Estado, Cientistas e Ambientalistas de todo o Mundo — dando-nos a oportunidade de discutir e defender nossos problemas ecológicos e, de nós mesmos apresentarmos nossos planos e sugestões para a defesa e proteção da flora e da fauna do Brasil, e a promoção do desenvolvimento sustentado.

Nosso amigo e companheiro, Arnaldo Nogueira, leva o meu abraço afetuoso e amigo aos Governadores Gilberto Mestrinho, do Amazonas; Jader Barbalho, do Pará; Osvaldo Pianna, de Rondônia; Edson Lobão, do Maranhão; Jayme Campos, do Mato Grosso; Moisés Nogueira Avelino, do Tocantins; Ottomar de Souza Pinto, de Roraima; Aníbal Barcelos, do Amapá; Edmundo Pinto, do Acre.

Dentro em breve, em oito anos, estaremos vendo o nascimento do século XXI. Nessa nova idade do nosso planeta, esperamos assistir

ao espetáculo maravilhoso de ver a Terra mais azul, mais pura, com seus mares e rios limpos, suas florestas mais verdes e floridas e seus habitantes mais felizes, educados, livres das ameaças que agora tanto nos assustam.

O Brasil não necessita de tutores na nobre missão de preservar a Amazônia: muitos daqueles que nos acusam de insensíveis depredadores da fauna e da floresta, praticaram num passado, não muito distante, o genocídio de suas populações nativas, levando, à quase extinção, uma centena de espécies animais.

Alguns chegam até às ameaças, em nome das Nações Unidas, falando em intervenção e internacionalização da Amazônia.

E esquecem que as Nações Unidas têm uma Comissão de Descolonização, e que seria um absurdo uma nova forma de colonialismo em nome da ONU.

Não apenas o Brasil, mas toda a América do Sul, repele essas insi-

nuações e ameaças, pois o nosso grande compromisso é com a soberania de nossas regiões amazônicas, ao lado da afirmação sincera e corajosa, no sentido de que a Amazônia será preservada e o novo século poderá ver o progresso e a felicidade de seus habitantes e a pujança de suas matas e fauna.

É preciso ressaltar também a necessidade de que, até lá, o homem da Amazônia disponha de melhores condições de vida. Que lhe sejam oferecidos mais recursos no campo de saúde, educação e que se lhe resgate sua condição de ser humano, que também tem DIREITO a ser preservado tanto quanto a flora e a fauna.

Que o I Encontro de Governadores da Amazônia, no Instituto Superior de Estudos Amazônicos — do qual sou, com muita honra, fundador e patrono —, alcance seus objetivos para a alegria e aplausos de todos os brasileiros.

O meu abraço. Meus agradecimentos e os votos mais sinceros de pleno sucesso."